

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	24000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

O PENSADOR.

PUBLICA-SE

Terças e Sextas, nos dias
10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

BIBLIOTHECA PUBLICA do ESTADO DO MARANHÃO

Maranhão, 10 de Abril de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE ABRIL DE 1881.

O Pensador nos tribunaes.

A sala das audiencias está completamente cheia. Desde as nove horas da manhã o edificio, destinado ás sessões da jury foi invadido pela multidão. O povo, desde o mais graduado cidadão até aquelle cuja posição social é mesquinha, precipitou-se alli. Um frenido de curiosidade, um sopro enorme de entusiasmo, apoderou-se da massa popular. Todos querem ver e ouvir.

E o que espera o povo?—Que compareça no tribunal aquelles que vão representar a causa do Pensador. O jornal, chamando á responsabilidade, é que agita aquella multidão. O filho da imprensa livre, o apostolo da verdade, o combatente convicto do clericalismo, o adversario das instituições senis, vai ser ali um réo. Representante do povo, tem a voz do povo para esmolar a sua causa.

São onze horas da manhã. Vai abrir-se a audiencia. Um homem sentou-se na cadeira de juiz. E Raimundo Xavieron Maya, é o magistrado que vai dar o andamento legal ao processo. Todos o olham com attenção. Está alli como o symbolo da justiça que vai decidir o pleito.

Está confuso, embaraçado. Nessa causa, para elle sem precedente, teme que a voz do povo afunde a da justiça. Não comprehendeu que quando o povo ergue a voz, é porque fallou a lei.

Junto d'elle sentado está um accusador. E Agessião Pereira da Silva—o representante do padre Baptista. Está silencioso e agitado. Nos traços accentuados da sua physiognomia vê-se que aquelle homem cumpre um penoso dever. Tem que accusar a accusação que vai fazer é triste. Vai fallar em nome do teu padre que offendeu um povo. O povo não perdôa a offensa. E com desgosto que encara o accusador.

As tribunas da defeza estão occupadas por dois homens illustres! Levados por um generoso impulso, foram, por sympathia, defender sua causa justa. Nacion Jansen de Mattos Pereira e Antonio Martiniano Lapenberg estão alli com todo o brado de seus talentos reconhecidos. Jansen Mattos—com a sua palavra breve e incisiva que penetra na razão como um espedaço; Lapenberg—com o verbo accentuado e joroso que arranca applausos da multidão.

E a audiencia abre-se. Depois de encerrada a da fazenda e do civil, fica aberta a criminal. O momento desajado chegou. O povo em silencio espera que a causa do Pensador se desenvolve ante os tribunaes. Olha para o relator do jornal, que está alli, e prepara-se a ouvir a voz da lei.

Antonio Joaquim Pereira de Carvalho pede licença ao digno juiz para apresentar a queixa, dada pelo padre Baptista, contra o impressor do orgão dos interesses da sociedade moderna. Fal-o, e a multidão olha-o com pasmo.

Com o enorme sangue frio que o distingue, com a vivaz promptidão que todos lhe admiram, Lapenberg pede ao juiz licença para produzir a responsabilidade dos editores do Pensador, e rogá-lhe que a junte aos autos. O juiz recebe-a, e a mostra ao advogado da defeza.

A questão juridica a começar.

A attenção do auditorio redobrou.

Agessião Pereira da Silva—advogado da accusação pede então a palavra. Tendo o documento da responsabilidade na mão, vai fallar. Disposto a recusá-la, proferiu algumas palavras. Jansen Mattos pede a palavra para ordenar, e pergunta onde está o queixoso. Baseando-se na lei, explicita neste ponto, recusa a Agessião o direito de representar o seu constituinte, que, para alli não comparecer, não apresentou uma escusa legitima.

Nacion Jansen Mattos Pereira, na tribuna da defeza, já então sentado, e tambem incumbido da causa do Pensador, dá um signal tacito de adhesão ás palavras de Mattos Pereira. A multidão, que encê a sala, procura, com olhar curioso, se se desordina o vulto do sacerdote em questão.

Agessião responde. Baseando-se em um atestado de heri-heri pelo padre Baptista solicitado em 1.º de abril, e passado pelo venerando medico Dr. José da Silva Maia, procura legitimar o não comparecimento do queixoso; Jansen Mattos responde-lhe que o impedimento que, em 1.º de abril existia, poderia ter cessado, e que esse atestado que, para a primeira audiencia servira, de nenhuma forza era a segunda. E, como a lei seja clara nesta materia, requer ao digno juiz que, por esta irregularidade no processo, se dige considerar perempta a acção, perdendo o autor o direito da accusação.

O juiz, conscio do seu dever, ordena ao escrivo que escreva o requerimento do advogado da defeza. Em quanto esse funcionario cumpre o seu dever, Jansen Mattos troca alguns apertos com o procurador Joaquim Pereira de Carvalho. Notando a acomodação da data, chama ao heri-heri do padre Baptista—Heri-heri de 1.º abril. Toda o auditorio ri da pilheria. E Jansen, declarando dar muito valor ao atestado, continua a rir da coincidência.

Agessião Pereira da Silva, comprehendendo então bem a sua posição, quer tirar partido do dito de Jansen Mattos. Sabendo que venerado é José da Silva Maia, pretende d'elle fazer um escudo para sua mesquinha causa. Acorda-se em defensor de um medico que não precisa de defeza—pois que seus talentos e honraes o põem ao abrigo de qualquer accusação. Increpa Jansen de haver offendido Maya, e usa até apellar para João Henrique Vieira da Silva, pedindo-lhe que testemunhe um insulto que não teve lugar. Habil em esdratagemas, julga assim interessar o auditorio. Sabe que José da Silva Maia é um varão bomemerito, e quer esconder com o vulto do prestimoso cidadão a fraqueza da causa que defende.

João Henrique ergue-se. Caracter acima de toda a suspeita, talmente incostavel, não pôde consentir que alli se façam malvotas insinuações, e que o invaquem para testemunha de coisas mais exactas. Falla com esse modo grave e convenientemente que lhe é peculiar, e, dizendo que deixa aos outros advogados a questão de direito, passa a demonstrar ao accusador o que havia de falso nas imputações feitas a Mattos Pereira. Todos o applaudem e o acompanham uma manifestação que faz de respeito e estima á pessoa veneranda do Dr. Maya.

A primeira parte do incidente fica terminada. A accusação, esmagada ao entrar na liza, tinha contra si a força enorme da lei.

Agessião como ovidio estava na sala sem olhar intelligente.

Apenas João Henrique acabara de fallar Jansen Mattos pede a palavra. O digno juiz recusa-lha. Não havendo ouvido que a questão do direito pertencia aos dois outros advogados da defeza, tomando as palavras de Vieira da Silva como uma replica, Xavieron Maya vai d'encanto ao direito da defeza. Jansen Mattos protesta e, em quanto fundamenta o protesto, falla na perempção da acção. Agessião contesta-lhe o direito de assim proceder. E então que Agessião quer outra vez lançar a insinuação a respeito de José da Silva Maia. Atreve-se a apellar para o auditorio, e o auditorio todo ficou mudo. Jansen Mattos, assim atacado, apella com a sua voz vibrante para os espectadores. Um brado geral de assombamento escapa de todas as bocas. O povo, mudo a voz de Agessião, tem brados e apupos para Jansen Mattos.

O juiz suspende a audiencia. Nega ao povo, para quem Agessião apella, o direito de manifestar a sua adhesão á defeza. He no tribunal um frenido de impaciencia. Todos lamentam o erro do juiz.

A repunimento de João Henrique, Xavieron Maya prosegue nos trabalhos da audiencia. Negando-se a manchar escrever a integral do protesto do advogado da defeza, não consegue contudo provar que assim obra legalmente. Despacha o protesto depois de haver dito que são mais os exemplos dados pelo defeza. Jansen Mattos responde-lhe com energia, e increpa o juiz de querer tolher o direito de seus constituintes. Toda o auditorio acclamando-o de pensamento a esta censura. Xavieron Maya comprehende que suas palavras não foram justas.

Terminado o protesto, o juiz declara remetter a causa ao juiz de direito para decidir sobre a questão de ordem. Lapenberg opta pela decisão do juiz substituto. Xavieron não lhe accetta o parecer e prosegue no seu proposto.

Tendo os autos de subir, as mãos do juiz de direito, é encerrada a audiencia. Todos victoriam os advogados da defeza, e a saída tem o caracter de uma ovação.

Estava terminada a primeira phase do processo.

Esta phase foi um triumpho para o «Pensador».

Dizei antes um triumpho para o povo.

Eis a acta fiel do que foi a audiencia em que compareceu o impressor do jornal Pensador. Aqui não ha imagens pompasas, estilo brillante, artificios de rhetorica. Toda a eloquencia se cifra na verdade que narramos.

Acaba de nos cahir na mão essa bella calumniosa que responde no nome de Ceciliasão. Fiel ao seu proposito de manchar despedada e cynicamente, a gazeta clerical auditeira os factos por meio d'uma abstrahção de falsidades. Naquelle escripto, em que se occupa do processo, ha a máa enorme da mentira andaz. Ali a calumnia ladra contra nós como ladra um réo. Ali a falsidade revoltante chega a querer emuciar os nobres vultos dos generosos advogados da defeza. Ali ha a miseria moral de quem pelega por uma causa de trevas.

La haviamos lido o que no precedente numero disse a Ceciliasão quanto á res-

ponsabilidade da imprensa. Haviamos despedido suas palavras, como se despresado aquillo que nos causa tedio. Era impossivel responder aquellas foças electronicas. Nessa pena nem sempre se quer transitar em chatico. O Pensador canga de representar o papel de azorrague.

Hoje, porém, cabe-nos dizer alguma coisa sobre o papelinho reaccionario. Não é que estejamos offendidos com as injurias que nos são irrogadas. A insinuação contra um individuo cujo mico critico é ser estrangeiro, o ataque a todos os membros da redacção, o pedido, á autoridade, de nos supprimir o jornal, tudo isso, enfim, é em demasia asperoso para que respondamos. O povo que lhes responda com os applausos com que nos tem victoriado.

Entra porém na tatica clerical injuriar os nobres advogados da defeza. Os inqualificaveis redactores do orgão clerical querem vazar lama sobre os nomes de Jansen Mattos, de João Henriques e de Lapenberg. Pretendem fazer baixar os illustres jurismultos ao nivel da imundicie de um clero andaz e corrupto.

Nem um dos nossos defensores protesta que nossa voz se erga a seu favor. Ah! está a opinião publica a repellir todo o bote calumnioso contra a sua reputação. Todo o Maranhão os conhece—isto é, todo o Maranhão os respeita e admira. Para que alguém se atreva a insultá-los é necessario que, como os redactores da Ceciliasão, haja perdido toda o senso commum e toda a dignidade propria de homens de bem.

O facto de se terem os nossos advogados offerecido espontanea e gratuitamente é de natureza a fazer comprehender bem ao povo a justiça da nossa causa. Aqui não ha pressão sobre a lei. O que ha é respeito pela justiça. Nossos dignos defensores querem ver triumphar a nossa causa, porque é a causa do povo do que são filhos.

Longe vai o tempo em que o sacerdote a impunha a multidão com a estallica enorme de sua missão intimidada divina. Hoje um padre, no tribunal, é um homem como outro qualquer. E menos até do que qualquer infimo cidadão, porque, o mais das vezes, a lufam concorre a inutilidade, o parasitismo e a corrupção. Com raras excepções, o manto do padre é a lufra da preguica e do vicio. Esta lufra hoje não inspira respeito senão aos pobres de espirito.

Nesta causa em que o padre Baptista é autor, a sympathia popular não pode acompanhar sendo aquelles que combatem o audacioso que offenden uma população. Bada a «Civilização» fallar nas pessoas sensatas que a apuam nas suas calumnias infames. Essas, caso existam, são uma fracção imperceptivel em meio da nossa população. O Maranhão hoje todo é o adversario convicto do clericalismo negro que se pavoneia nas columnas d'esse periodico delictorio que se publica em Santo Antonio.

A sympathia e o amor á nossa causa é que levaram Jansen Mattos, João Henriques e Lapenberg, a defender-nos com liza e forza da sua illustração. Só um grande amor á justiça podia induz-los a ir combater uma Boga vil que só tem por armas a calumnia e a mentira despedada. Não desceram, porque homens de bem não deseram, mas tiveram que calcar debaixo do talfo da bota as armas immundas da impostura.

é uma entidade diabólica, das bodas as artes do ultramontano. É Satan de latina.

Esse homem, que de homem só tem a figura, é excessivamente perigoso e deve ser enclotado, á bem de todos, do seio da nossa sociedade, como se faz nos malféitoras que andam de fora em pinto.

O jesuita teve a habilidade de fazer da cruz, balaia de pinto. Traço-o como a onça, elle pôe-se no confissãoário a espera de quem passa.

O jesuita não trepida em praticar qualquer crime.

Um padre já houve, que para matar, envenenou uma hostia.

Garibaldi.

Março de 1881.

Soneto.

A frei Myriões Garra-secca, em compassos,
tes pagodos—acho, echo, icho, etc.

PARODIA

Frei Magriço da Testa para barba
Mais despresível e que um capacho.
Não tem bola, nem ligado, nem bucho.
Mas chalo me parece que um capacho.

As costas são caxernas de um pasticho.
Os queixos são as guelras de um cochicho.
Tem figura de maçã, nu de brincho.
Na cabeça muitos lhe não acho.

Affecta no exterior sancto do nicho.
Por dentro é mais sinistra de que um mocho.
E ajoja mais peçonha do que um bicho.

O que os outros tem chicho, elle tem chicho.
O que é nos mais vassoura, n' elle é licho;
E ainda isto entre nós? ah bou arrocho!

NB. Parece que Borege o conhece muito de perto.

SONETO.

Padre mestre Murrão, b'rho afianado,
Profundador da candida innocencia.
Que arrala arribacrada sapientia.
É fôrca do santão tem se arrogado;

Do Prêncipe temendo ser tosado,
Que os vícios lhe repende sem clemencia.
Recorre á vernal interferencia
De insulto pregador, trão chapado

A contas é chamado a Pensador.
Porque disse ao roupeira cor de amá.
Que era um pedante e porco pregador.

Mas aize cá, Murrão, que esperas tu?...
Não nos incute o mínimo terror!
Um vil garraio, infame—BANAFU!—

O Gerebino.

VARIÉDADE.

Os folgueões do dia 31.

Caros leitores:

Ha muito que não vos apparece e se agora o fiz, affanço-vos ser com bastante receio, pois as ruas ja me estão cheirando a chamusca; vejo as barbas do visinho arder, ou portanto botando as mãos ás mãos.

Gosto de lutar com pygmæos, como eu, assim da estafura do João que vogue espadas; mas com gente alta e barba-honda e que além de tudo tem os musculos desenvolvidos pelo constante lidar com burros, arpanca, como diz o padre Moirão.

Esses homens não são de brincadeira; com uma simples coccinholada, allegando paos e chouricos—zás, sacodem a gente na rectagnarda dos Remedios e... foi um dia liberdade!

Havemos de andar em procura d'ella, como o Diogenes do carnaval atraz do homem.

«Não pensem que isto é pilheria.»

Permitta-me pois o leitor que eu abandone o campo da responsabilidade e

passee a tratar do outro assumpto: Os folgueões do dia 31.

Entre parenthesis (os tres pontifidos que se acham acima nada tem de commun com a Maçonaria).

O dia 31 foi um dia grande, se bem que fivesse as mesmas horas e o sol se levantasse ás 6 horas da manhã e se puzesse ás 6 da tarde, como nos demais; foi um dia grande porque houve um foguêto ecclesiastico em honra de uma sagradora ou coisa equivalente.

Durante o dia tudo foi barafunda: sen Miranda, o dengoso Miranda falhou o dictionario em busca de termos empolados para fazer um improviso de arrouda a D. Gereba.

Frei Marram providenciava sobre o enclimino das garrafas e garrafões, assistia a mulato Amélia na melhadella dos caldeirões e mesmo se prestava a pizar no pião cabeças de canario, gergelino, farinha secca e pimenta para se levar a effeito uma succulento arroz de eudiá, confiado ao sabor da bella Poly e que devia figurar entre os pratinhos da evoluta ecclesiastica.

Sen Almeida mudava a passapar, exercitando o corpo, affim de perder uma inappetencia que lhe sobreviera.

Bristol ensaiava as carissimas irmãs do Geração no côro, que as mesmas deviam entoar á entrada de D. Gereba na sala do jantar, ciro este, que decoramos e pedimos venia ao seu auctor para reproduz o aqui:

Venha, venha, D. Gereba
Venha, venha pressuroso
Com seu andar mexedinho
Com seu olhar bufoso.

A que D. Gereba tinha de responder:

Já me vou, que a sede é muita
De matar tanta saudeira.
Se no sul pintel o bode,
Pinto mais i esta cidade.

Sen Pureza andava em verdadeira do-ladoura, rua abaixo, rua acima, com o chapéo de sol na mão, em procura de orvillas, nanteiga, toucinho e rebouça.

Quando entrava o pobre do homem em casa era um sardão diabólico; sen Pureza andava da sala para a cozinha, já cortando rodinhas de limão para coltar por sobre os distinctos leitões, já mordendo uma cabeça d'alho para a prestavel uha Salú applicar no escabeço, já finalmente voltando as bananas assadas affim de não tostarem, bananas estas, que seu Almeida, já em casa, contempylava com toda a effusão de seu alma.

Mas este marmanjo é guloso!
O que fura frei Magriço?
O que ideava frei Tabaco?
Logo o sabereis.

São sete horas da noite. Estão reunidos todos os commensales do parvo D. Gereba, enjos nomes omittimos por já serem bem conhecidos.

Em virtude de um fiquito que deu em seu Almeida, dá-se o signal de boia. Sentam-se todos e logo levantam-se. E D. Gereba que entra, Bristol bate o compasso e lira do harmonium algumas notas d'aquelle trivialissimo—zum zum e as maviezas vozes das bellas devotas se fazem ouvir.

Um desconcerto apparece no meio d'essa recepção cantante; o velho mestre Chico, que entrava, ouvindo aquella vozzeria e suppondo ser alguma bobidinha, quando as devotas cantavam:

Venha, venha D. Gereba

Elle respondeu:

Ora pro nobis.

Desapontamento geral. Bristol ia avançar; porem recoum ante a physico possante do black-devoto. D. Gereba serenou os animos e deu começo ao banquete.

Sen Almeida teve rivaes. Se fossemos enumerar tudo quanto se fez, enche-riamos de certo todo O Pensador e tal-

vez nos fosse necessario recorrer a «Civillização» para tratar do resto!

Apenas citaremos os episodios mais importantes, que se deram.

Sen Pureza não quiz sentar-se na primeira mesa, prestando-se ao papel de servidor e n'esse cargo distribuiu irradimendo tudo quanto havia na mesa, não se esquecendo de hauder a dedo todas as vezes, que n'ello caia algum pingo gorduroso.

No meio do banquete entra frei Magriço immensamente estabufido e com uma cara de quem fôra sido victima de uma decepção forte.

Notava-se no scudante do virtuoso sacerdote uma ira de tigre e esta cresceu de ponto quando seu Pureza interpellou-lhe sobre o côco.

O côco? Deixe-me.

Mas o que foi isso Mundiquinho? perguntou-lhe uma pia devota, mais afflicta do que o proprio Magriço.

Deixe-me, replicou o Magriço.

O leitor já deve estar com a curiosidade bem aguçada e não querendo deixal-o soffrir por mais tempo, vamos já explicar-lhe o caso:

Frei Magriço querendo fazer uma surpresa a D. Gereba e não se recordando de outra, teve em mente engendrar uma dança de côco, como já houve entre nós em tempos idos. Para melhor cussiar os dançantes, uma duzia de moleques rugados no côco pelo impagavel Pureza, teve de vestir-se de foias, mmir-se do côco, fazer curantambas e reguebaras affim de que os moleques o imitassem. Estes, porem, comprehendendo o papel que iam representar, preferiram antes dar um troco em Magriço, que coagido pelo medo temporal, desapatado, completamente mal feito de corpo, refugiou-se no logar onde o encontramos.

Triste decepção!

Falta-nos um personagem, infallivel n'estes pagodes e é o desdentado frei Tabaco.

Este typo é muito dado a crear gallinhas e querendo elle fazer uma offerta ao illustrado D. Gereba, resolveu fazer-lhe d'ovos e portando foi cussiar as suas bellas frangotas, se n'esse dia ellas produzissem o necessario para uma tal offerta...

Foi no quintal e covra, não corre, pega, não pega, deu uma forte encoatrobado em um grosso tronco de pacoveira e perdendo o equilibrio—zás, foi ao fundo.

Começa culto a obra da salvagão; botando-lhe cofa, busca-vida, corda, até que o sacerdote consegue saltar; porem des pés até a cabeça completamente banhado!

Este incidente fez com que o padre perdesse o pagode e D. Gereba perdesse os ovos.

Os corpos já estavam fatigados; as garrafas ja se haviam esvaziado; dos paos, perús e gallinhas nada mais restava; com tudo sen Almeida fez um ultimo esloço e rre-ar nos ossos a procurar ainda endulzir o bandullo; porem D. Gereba, com aquella gravidade que lhe é peculiar disse:

Basta.
E não plagiando-o também diremos:
Basta.
9—A—81.

X. F. Z.

ECHOS DA RUA.

Aos jesuitas de easica e de roupeta, que vieram voluntariamente envolver-se nas questões d'O PENSADOR não daremos quartel em tempo algum; sejam muito embôra fillos do Sol e primos da Lua, ou simples espedetas gerbinoas.

—E quem te aviza, teu amigo é.

O Rival, padre Miranda pregou magnificamente por occasião da procissão da

CANNA VERDE, occupando-se exclusivamente do assumpto religioso.

—Sempre que S. Rival, proceder assim, nós seremos os primeiros a louvar o seu incontestavel talento.

Informão-nos que o bispo diocesano, por occasião da procissão da CANNA VERDE, sahio por varias vezes de sob o pallio, deixando a cruz á um padre, para vir bater boca com o povo, que vultu a cruz!

—E quando se disser que S. Rival, parece mais um porta-muchado que qualquer bispo, ha de ficar zangado...

O gaúto D. Gereba disse na sua ultima pagodeira «que derramaria até o proprio sangue para defender suas doutrinas!»

—Gaitado... este paterna pensa que derramar sangue, é comer pi de moleque.

Corre como certo que o Rvd. Moirão recebeu do Ceará uma Cecilia-oção devolyda e toda aramataada, indo em seguida ao Correio, que allás não tem a minima culpa, fazer barulho por causa disso.

—Não approvamos o acto; porque pôde-se muito bem bater qualquer Tartufo pompando-se-lhe o Rival, nariz.

Porque motivo mandava o padre Banaça corações de doce e cartas a certo collega?!

No proximo numero desvendaremos o mysterio.

Frei Tabaco.—o papa-figo—tambem não quiz emborcar no hotel do GIRA, por se chamar—«LIVRE PENSADOR!»

Thobaro, quem te poz assim burralho, meu negro?!

O barrego D. Gereba pintou o sete nas MERCES?! O Traço não se daria a um desfructe assim!

Tonico deixa o cajuão e pega a corneta, meu Santo!

O Rvd. Banaça, que veio servir de testa de ferro a João Cope-tudo, protestou fere-fere, e safou-se, ou vai safar-se para o Piahy!

—Estes tartufos são todos assim... rotam muito com o publico e affinal têm medo d'apparecer perante elle.

O Rvd. padre Gervasio, que tão bem cumpria os seus deveres de Vigario, foi preterido para dar-se o lugar a outro, que poderá ser hum, mas nunca melhor! —Foi e será sempre assim a justica dos homies da stabilidade.

«Os homies sem imputação moral» no dizer da vilissima SENTENSA de João Godelholo, apresentaram-se respondendo por seus actos; ao passo que os santissimos cardieiros dão parte de doente!!

—São sempre assim esses tartufos! E ossem falar em dignidade! Canablas...

João Moira-grande disse 18 vezes, no seu sermão de domingo ultimo, este bellissimo: «In peccato vestro invenientes e quer ser pregador de recursos!!

—Pobre cavalladura...

A realisaram-se certos boatinhos... O PENSADOR não torá remedio senão entrar em POLITICA.

—E então, muito tapetado ha-de cheirar... vobos.

A parva Cecilia-oção tirada todos os dias—este conta com o favor publico; e no entretanto os nossos distinctos Advogados é que são victoriosos pela população!!

—Pobres affamarias, são infelizes até nas mentiras.

Qual será a maranhense que não comprará a polka de Antonio Raol, intitulada—O MELATO E A TRINDADE MALDITA?.

